

Instrucciones:

- a) Duración: 1 hora
- b) Puntuación: hasta 10 puntos
- c) Se deberá realizar una traducción del texto propuesto sin ayuda de diccionario.

A azáfama é grande ao balcão da Casa Frazão, a velha loja de tecidos no centro de Lisboa, desde que anunciaram o encerramento, previsto para junho, com as montras a gritarem “liquidação até 70%”.

Longe de ser caso isolado, basta descer a Rua Augusta para encontrar várias vozes de desalento entre os lojistas. Num trajeto de 550 metros, os turistas são muitos, as esplanadas estão cheias, mas os clientes, dentro dos estabelecimentos mais antigos, não abundam.

Nos últimos anos fecharam, na Baixa lisboeta, ourivesarias, livrarias, retrosarias, casas de fotografia, de ferragens, de sementes, ou lojas de têxtil lar e atoalhados, quer pela crise económica, quer por mudanças de consumos.

“Quando o rés do chão deixa de estar dedicado ao comércio, perde-se ritmo e dinamismo”, diz um empresário, que herdou o negócio do avô. “O turismo veio dar mais vida aos centros urbanos, sem dúvida, mas parece que estão a querer aproveitar ao máximo sem olhar a meios, correndo o risco de que as cidades fiquem cada vez mais iguais umas às outras. Travar a descaracterização das nossas cidades é urgente”, acrescenta.

Paula Lourenço, encarregada duma loja de chapéus, sabe disso, e o facto de o edifício onde estão instalados desde 1941 estar à venda há alguns meses não é uma situação muito animadora, embora até ao momento não tenham tido qualquer contacto no sentido de saírem. “O turismo trouxe movimento, porém beneficia sobretudo a restauração, os hotéis e o alojamento local”, diz sem esconder alguma mágoa.

Marta F. Reis, *Jornal “Sol”* (adaptado)